

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil



São Paulo — Quarta-feira, 14 de junho de 1961

Folha Ilustrada

Reportagem	2	Artes Plásticas	4
Efemerides	2	Panorama	4
Teatro	2	Vida Literária	4
Horoscopo	3	Imagem de Paris	6
Radio e TV	3	Esportes e Turfe	7

O CORPO HUMANO E SUAS FUNÇÕES

Um livro de utilidade para todos, especialmente os estudantes em cujos programas de estudos se incluem como partes importantes a Anatomia e a Fisiologia elementares. Obra fartamente ilustrada e com dois atlas anatómicos, um deles dedicado exclusivamente ao sexo. 257 páginas — Cr\$ 300,00.

A venda em todas as livrarias — Pedidos pelo reembolso postal a D.P.J.R. — Caixa Postal 4827 — São Paulo.

Os vencedores



Da esquerda para a direita: Yolanda Mohalyi, 1.º Prêmio de Pintura, nasceu na Hungria, reside há vários anos no Brasil, é professora de pintura; Alberto Teixeira, 2.º Prêmio de Pintura, nasceu em Portugal, transferiu residência para o Brasil há alguns anos e já participou de diversas exposições individuais e coletivas; Italo Cencini, 1.º Prêmio de Desenho, expôs em diversas

mostras coletivas e individuais no país e no exterior; Odila Mestriner, 2.º Prêmio de Desenho, valor novo, reside no interior do Estado; Trindade Leal, 1.º Prêmio de Gravura, nasceu em Santana do Livramento e já exibiu seus trabalhos nos Salões do Rio e de São Paulo; João Luis Chaves, 2.º Prêmio de Gravura, estudou vários anos na Europa e participou de várias importantes mostras internacionais.

OS VENCEDORES DO PREMIO LEIRNER DE ARTE CONTEMPORANEA DE 1960

Presidido pelo diretor-superintendente da FOLHA DE S. PAULO, sr. José Nabantino Ramos, um júri de nove elementos representativos das artes plásticas brasileiras em suas diversas tendências, reuniu-se na manhã de ontem (das 10 às 13 horas), na Galeria de Arte da FOLHA para julgar os trabalhos dos artistas que concorriam aos Prêmios Leirner

de Arte Contemporânea relativos ao ano de 1960. Após demorados exames das 177 obras expostas na Galeria, o júri reuniu-se em mesa redonda, para as argumentações sobre os trabalhos examinados. Terminada essa fase preparatória, deu-se início à votação, que determinou os premiados.

Os premiados

Yolanda Mohalyi ganhou o Primeiro Prêmio de Pintura. Italo Cencini, o Primeiro Prêmio de Desenho, e Trindade Leal, o Primeiro Prêmio de Gravura. Os segundos colocados foram: Alberto Teixeira, Pintura; Odila Mestriner, Desenho; e João Luis Chaves, Gravura.

Nos termos do artigo 11 do Regulamento de Premiação da Galeria de Arte da FOLHA, o júri não outorgou o Prêmio de Escultura por entender "que não havia obra merecedora de algum dos prêmios".

Premios de Aquisição

Além dos prêmios mencionados, foram ainda atribuídos mais seis Prêmios de Aquisição, ou seja, a compra de trabalhos concorrentes pelo doador dos prêmios, sr. Isai Leirner, totalizando Cr\$ 200.000,00, assim distribuídos: José Lima, gravador, e Rita Rosenmayer, desenhista — 20 mil cruzeiros a cada um; Francisco Stockinger, escultor, Aldo Bonaldi, pintor, Mozart Peia, pintor, e Tomás Tanelli, pintor, Cr\$ 40.000,00 cada um.

O Júri

De acordo com o Regulamento que rege a Galeria de Arte da Folha, para determinar os vencedores dos Prêmios Leirner de Arte Contemporânea, o júri é composto de nove elementos, escolhidos pelo Conselho

Amigo da Arte



de Arte Contemporânea relativos ao ano de 1960. Após demorados exames das 177 obras expostas na Galeria, o júri reuniu-se em mesa redonda, para as argumentações sobre os trabalhos examinados. Terminada essa fase preparatória, deu-se início à votação, que determinou os premiados.

Os Prêmios Leirner de Arte Contemporânea

No sentido de estimular a difusão das artes visuais e contribuir para o desenvolvimento da arte no Brasil, bem como promover por todos os meios ao seu alcance condições necessárias para resguardar a dignidade da vida profissional do artista em seu esforço criador e qualitativo, o sr. Isai Leirner instituiu na Galeria de Arte da FOLHA os prêmios que levam o seu nome e que se distribuem anualmente da seguinte maneira:

Os Prêmios Leirner de Arte Contemporânea

1.º Prêmio de Pintura — Cr\$ 80.000,00; 1.º Prêmio de Escultura — Cr\$ 80.000,00; 1.º Prêmio de Desenho — Cr\$ 60.000,00; 1.º Prêmio de Gravura — Cr\$ 60.000,00; 2.º Prêmio de Pintura — Cr\$ 40.000,00; 2.º Prêmio de Escultura — Cr\$ 40.000,00; 2.º Prêmio de Desenho — Cr\$ 30.000,00; 2.º Prêmio de Gravura — Cr\$ 30.000,00. Prêmios de Aquisição, em número de seis, no valor total de Cr\$ 200.000,00.

O Júri



O Júri do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea quando se reuniu para argumentar e escolher os vencedores em Pintura, Desenho, Gravura e Aquisição.

OS "VIAGANTES DA LIBERDADE" CONTINUAM VELHA TRADIÇÃO DE HEROISMO NORTE-AMERICANO

WASHINGTON, junho — Aos Estados Unidos acontece de maneira sistemática que, quando neles surge algum problema, o que o mundo conhece dele é o seu aspecto negativo. Parece que ninguém se lembra de falar do seu lado positivo. Por exemplo, agora, com os degradantes acontecimentos de Montgomery, no Alabama: uns "freedom riders" (viajantes da liberdade) foram atacados, e a polícia local, apesar de saber que existia o perigo de que isso acontecesse e de conhecer a hora em que ia acontecer, não o evitou. O governador Patterson, de Alabama, eleito com um programa segregacionista, asse-

gurou que poderia manter a ordem, mas, claro está, fê-lo com a intenção de não o cumprir. A consequência foi que o governo federal enviou polícias para evitar novas agressões, e criou-se uma situação tensa entre Montgomery e Washington.

Imediatamente, claro está, fala-se em todo o mundo do racismo dos Estados Unidos. Esse racismo existe e é frequente — quer nos Estados Unidos quer em outro lugar... por exemplo, em Moscou, onde os estudantes negros de África têm sido tratados, na Universidade, com modos ofensivos e até agredidos, segundo eles próprios disseram ao sair da UBSS.

Fato admirável

O curioso é que nem as próprias agências noticiosas norte-americanas, tão frequentemente apeladas de secretárias, se preocuparam em dar relevo ao que verdadeiramente notável na situação de Alabama. Porque as agressões aos inimigos da segregação racial não são, desgraçadamente, coisa nova, embora encontrem eco cada vez menor na maioria da população. No caso de Montgomery, comprovou-se que os agressores são umas dezenas de sujeitos e que, por vezes, na história da violência, se lhes juntam alguns espontâneos.

Mas o que deveria destacar-se, porque é encorajador e admirável, é outro aspecto da situação. O admirável, com efeito, é que numa atmosfera tensa, de violência e de injúria, nesse histerismo racista (ao qual não são estranhos os sentimentos de inferioridade social e sexual), todos os dias saiam a expor-se às agressões novos grupos de estudantes, brancos e negros, de professores e moças. Todos são jovens... São parte da própria reação juvenil que, no ano passado, conduziu aos "sit-in" dos restaurantes, a centenas de

prisioneiros e que, finalmente, fizeram se desagregasse grande número de restaurantes nas partes mais racistas do país.

Desafio à violência

Os "freedom riders", os viajantes da liberdade, agora, desafiam a violência e a injúria, em defesa de uma causa justa. Continuam uma velha tradição ocidental, tão norte-americana como europeia e latino-americana, de protesto contra a justiça e a injustiça. Encontram novos métodos de luta (em parte inspirados nos de Ghandi) e aplicam-nos com um valor moral e físico, uma serenidade e uma tenacidade que não estão longe de ser heróicas e que são admiráveis. Mas os jornais, em vez de pô-los em títulos que digam: "Os Viajantes da Liberdade Persistem" ou "Atitude Heróica dos Inimigos da Segregação", intitulam as suas notícias mais ou menos assim: "Agressão Contra os Viajantes da Liberdade".

Todos esses fatos não se explicam, por falta de imaginação dos próprios jornalistas norte-americanos? Por obsessão, produto inconsciente da propaganda anti-norte-americana? Seja como for, tal silêncio é injusto para com aqueles rapazes que saíram da inércia do país e, num ambiente de conformismo, se lançaram na luta. Talvez seja neles a coisa mais admirável.

O julgamento de Challe e de Zeller desenrolou-se em atmosfera de tristeza

PARIS, junho (Via Panair) — Desenrolou-se numa atmosfera pesada de tristeza e de drama nacional esse processo, espedrado e patético, em que foram julgados dois soldados, cujo patriotismo ninguém pôe em dúvida. O julgamento foi feito pelo Alto Tribunal Militar, tribunal de exceção criado pelo presidente De Gaulle especialmente para julgar os cabeças do motim de Argel, exatamente 38 dias após os atos criminosos que são imputados aos acusados. É um julgamento sem apelação.

O veredicto moderado pronunciado (15 anos de detenção criminal) foi recebido com satisfação geral, embora, gerasse certa inquietação pelo futuro nos meios esquerdistas.

Antes e agora

Há apenas alguns meses, Maurice Challe e André Zeller foram chamados a comparecer ao "processo das barricadas", como testemunhas. Traziam as insígnias de suas condecorações — as mais altas que existem na França. A guarda lhes tributara honras a que tinham direito, quando entraram na sala do julgamento.

Destá vez, perante o Alto Tribunal Militar, os dois homens já não eram testemunhas cercadas de honras, mas dois acusados "sobre os quais ia ser feita justiça". Estavam sentados no banco infamante, entre dois genérrimos e eram passíveis da pena de morte.

Morte, não

Em dado momento, todos se perguntavam se o procurador-geral iria pedir a pena de morte; mas este não prolongou o suspense, declarando: — "É impossível pedir a pena capital."

Aliás, tudo nesse processo, "um processo que não se realizou", como disse um semanário, ocorreu de acordo com as regras de uma espécie de "gentlemen's agreement".

A justiça se pronunciou, menos inexorável do que se poderia esperar, após um processo que se esforçou por ser imparcial e sóbrio, com dignidade quase constante, deixar aparecer episódios cheios de grandeza. Mas não se fez luz total. As sérias perguntas não foram feitas. As complexidades não foram evocadas.

Segredo conhecido

Um acordo de último instante, que parecia tacito, afastou o caso "Willaya 4" do processo. Mesmo a pórtica fechada, parece que se tratava de um segredo militar.

Ora, como se sabe, esse segredo era bastante conhecido: o chefe de "Willaya 4", o Sr. Salih, e dois de seus tenentes, vieram vindo em junho de 1960 ao Eliseu, a fim de propor a De Gaulle a aliança dos "marquês" da Argélia. Não foram ouvidos, pois o governo se preparava para negociar em Meilin somente com a FLN. Em seguida, Sr. Salih e, sem dúvida, mais de 400 de seus feligres foram "eliminados fisicamente".

Claire HUGON
(Correspondente da FOLHA DE S. PAULO)

Paga por outros

Concebe-se a amargura de Challe, julgando que tanto ele como seu Exército tenham sido frustrados de uma vitória. Outras sombras mancharam esse processo. Os oficiais superiores que desfilaram perante os juizes foram esculpidos por que não haviam aderido à sedição. Mas parece que a maioria deles não quis correr riscos. Paradoxalmente, é Challe quem tem respeito dessa comédia; pelo menos ele acreditou em alguma coisa.

Os verdadeiros culpados não estavam no banco dos réus. E no momento é Challe quem paga pelos outros.

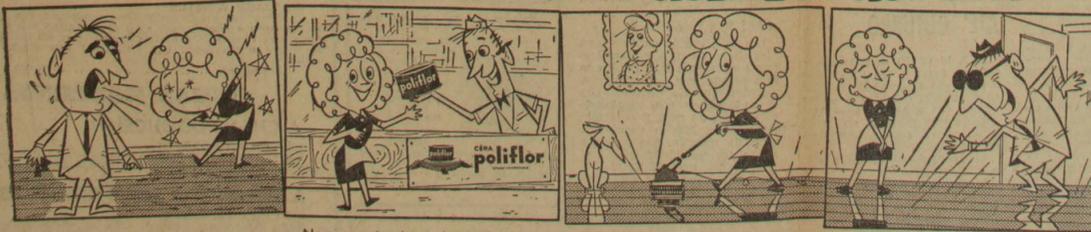
Da Vinci, precursor da radiologia

CATANIA, junho — Leonardo da Vinci foi precursor das mais modernas aquisições da ciência radiológica. O reconhecimento do engenheiro de Leonardo foi feito por um cientista húngaro, prof. Ferenc Horvath Jr., primeiro titular do Instituto Koranyi e doente da Universidade de Budapeste.

Falando numa reunião da Faculdade de Medicina da Universidade de Catania, o estudioso considerou que Leonardo, nos seus numerosos desenhos anatómicos, representou vários órgãos, não em posição estática, nem num determinado momento da sua vida, mas com admirável intuição soube captar todos os aspectos que podem assumir no tempo, segundo a sua forma e função.

Projetando diapositivos de alguns desenhos de Leonardo (referentes em particular ao crânio e ao tórax), o prof. Horvath considerou a grande semelhança das estratégias e estratégias desenhadas por Leonardo — por exemplo — há, estupefaciente intuitivas e desenvoltas, particularmente morfológicas, que só há pouco tempo a radiologia conseguiu mostrar. (AN-SA)

Ponha o brilho do sol dentro de casa!



Por mais que dona Serafina trabalhe... seu marido nunca está contente: o chão parece que está sempre sujo!

Na mercearia, ela recebe uma sugestão que vale ouro: A nova Cera Poliflor dá mais brilho, em menos tempo e com muito menos trabalho!

De fato: V. notará a diferença ao abrir a lata: a nova Cera Poliflor é duas vezes mais cêra... dá duas vezes mais brilho!

Está na cara, a satisfação do espôso: com a nova Cera Poliflor, dona Serafina conseguiu pôr o brilho do sol dentro de casa!

Agora 2 vezes mais brilho no seu assoalho!

CERA poliflor
SUPER-CONCENTRADA

4 CORES À SUA ESCOLHA!
INCOLOR * LARANJA
VERMELHA * AMARELA



UM PRODUTO NUGGET